

# Liberalismo econômico no Brasil divide as opiniões

**Rio** — A adoção do liberalismo econômico como caminho de estabilização e desenvolvimento do País, discurso cada vez mais frequente no meio político brasileiro, não tem encontrado consenso entre os economistas. O modelo liberal prega a abertura econômica e a redução do papel do Estado como única fórmula de desenvolver a indústria nacional e assegurar investimentos públicos nas áreas essenciais. Na outra ponta, os economistas alertam para os riscos de uma abertura indiscriminada, o que poderia condenar a sobrevivência de alguns setores econômicos nacionais.

O vice-presidente do Instituto de Política Econômica da Faculdade Estácio de Sá e professor do primeiro curso de doutorado em liberalismo econômico do Brasil, Ubiratan Iório, defende que o atual estágio de subdesenvolvimento vivido pelo País pode ser creditado à falta de adoção de práticas liberais, na história política brasileira. "Somos terceiro mundo porque ainda não adotamos estas práticas. Os tigres asiáticos, por exemplo, começaram a adotar o liberalismo e já passaram até o Japão em termos de taxa de crescimento", acrescenta o economista.

Nem mesmo a crise econômica atravessada por países como Estados Unidos e Inglaterra — conhecidos como os maiores exemplos de sucesso do liberalismo — reduzem a convicção dos defensores do modelo. Iório destaca que o liberalismo puro não existe

e mesmo nos EUA sofreram processo de crescimento do estado, que avançou demais. "A diferença é que lá, no início dos anos 80, o estado começou a recuar", enfatiza o economista, que atribui a crise vivida pelo País ao déficit público. Segundo o especialista, as dificuldades enfrentadas pelos EUA estão justamente no financiamento deste déficit, antes realizado com capital externo proveniente de países como Japão, Alemanha e dos árabes. "Agora, estes cansaram de financiar. A crise ainda deve durar, mas será solucionada, em, no máximo, dois anos", estima.

A crise econômica anglo-americana também não serve de trunfo para economistas com visão menos favorável à implantação do liberalismo de forma plena. O professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Antônio Maria da Silveira, que critica a tentativa de reproduzir-se na realidade econômica um modelo doutrinário, avalia que não se pode creditar unicamente ao liberalismo os desandos econômicos daqueles países. "Não se pode analisar um fato em cima de razões únicas", destaca.

Silveira acrescenta, que a própria Inglaterra e os Estados Unidos também adotaram práticas, atualmente consideradas como pouco liberais. Estas podem ser exemplificadas no alto grau de protecionismo econômico determinado pela Inglaterra no passado.